

---

## A TEORIA QUEER EM UMA PERSPECTIVA BRASILEIRA: ESCRITOS PARA TEMPOS DE INCERTEZAS

---

Arkley Marques Bandeira

### RESUMO

A ideia de desenvolver este artigo surgiu após muitas reflexões em torno da temática de gênero e da teoria Queer, especialmente após a realização do simpósio *Aproximações da Arqueologia Brasileira com a Teoria Queer* no IX Encontro de Teoria Arqueológica da América do Sul, ocorrido em Ibarra, Equador, em 2017. Dando continuidade a esses diálogos, apresento um breve panorama sobre a teoria Queer e os estudos daí derivados, tomando como base as principais referências que vêm contribuindo para a consolidação desse campo de atuação teórica, metodológica e ativista. Apesar de se tratar de artigo bibliográfico, construirei algumas problematizações acerca de se perceber criticamente a pertinência da teoria Queer no estudo das temáticas subalternizadas e ignoradas pela academia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Teoria Queer. Gênero. Decolonização. Estudos Transviados. Arqueologia.

### ABSTRACT

The idea of developing this article came after many reflections on the theme of gender and Queer theory, especially after the realization of the symposium *Approximations of Brazilian Archaeology with Queer Theory* at the IX Meeting of Archaeological Theory of South America, held in Ibarra, Ecuador, in 2017. Continuing these dialogues, I present a brief overview of the Queer theory and the studies derived from them, based on the main references that have been contributing to the consolidation of this field of theoretical, methodological and activist action. In spite of being a bibliographical article, I will construct some problematizations about critically perceiving the relevance of the Queer theory in the study of subalternized themes ignored by the academy.

**KEYWORDS:** Queer theory. Gender. Decolonization. Transviados Studies. Archaeology.

### RESUMEN

La idea de desarrollar este artículo surgió después de muchas reflexiones en torno a la temática de género y de la teoría Queer, especialmente después de la realización del simposio *Aproximaciones de la Arqueología Brasileña con la Teoría Queer* en el IX Encuentro de Teoría Arqueológica de América del Sur, ocurrido en Ibarra, Ecuador, en 2017. Dando continuidad a estos diálogos, presento un breve panorama sobre la teoría Queer y los estudios derivados, tomando como base las principales referencias que vienen contribuyendo a la consolidación de este campo de actuación teórica, metodológica y activista. A pesar de tratarse de artículo bibliográfico, construiré algunas problematizaciones acerca de percibir críticamente la pertinencia de la teoría Queer en el estudio de las temáticas subalternizadas e ignoradas por la academia.

**PALABRAS CLAVE:** Teoría Queer. Género. Decolonización. Estudios Transviados. Arqueología.

## INTRODUÇÃO

Discorrer sobre a teoria Queer implica reunir em uma mesma narrativa diferentes perspectivas que começaram a se delinear entre as décadas de 1980 e 1990 e que ganham ressonância no Brasil em fins do século XX. A esse respeito, convém desenvolver uma linha de raciocínio que permita ao leitor acompanhar algumas abordagens que apenas recentemente começam a receber a devida atenção no campo da arqueologia. Evidentemente, isso ocorre com relativo atraso em relação as outras áreas das humanidades, como a educação, a sociologia, a literatura, as artes e a antropologia. Diante disso, desenvolvi um texto introdutório e didático com ênfase nos fundamentos basilares da teoria Queer e trouxe para o debate os conceitos geradores para se compreender tal abordagem desde a sua gênese. Neste artigo não serão apresentados modelos ou receitas prontas por compreender que as narrativas Queer são antinormativas, não essencialistas e críticas, portanto, plurais, negociáveis, fluídas e líquidas. Tampouco irei trilhar pelos caminhos de uma Arqueologia Queer no Brasil por entender que outros textos desta mesma coletânea irão trilhar por este caminho, inclusive, oferecendo distintas abordagens, estudos de casos inovadores e reflexões teóricas e práticas para desconstruir uma *práxis* arqueológica brasileira essencialmente normativa.

Neste contexto, parto do meu lugar de fala de arqueólogo homossexual, cisgênero e nordestino para elaborar este texto, a partir de uma perspectiva ativista alicerçada em uma reflexão bibliográfica que poderá subsidiar teoricamente as demais contribuições deste número temático. Alerto que o texto focará na trajetória histórica que resultaram naquilo que foi denominado de uma Teoria Queer. Na construção deste texto tomei como elementos de reflexão as seguintes questões: o que podemos denominar de Teoria Queer? Trata-se de um comportamento? Um estilo de vida? Um conjunto programático com estudos interdisciplinares? Podemos considerar os estudos Queer como bases de referências teórico-metodológica para descolonizar o pensamento cartesiano sobre a sexualidade e gênero? Como a perspectiva Queer foi incorporada pelas ciências humanas e sociais e se transformou em uma poderosa abordagem para a crítica social? Por fim, como se dá a utilização de um corpo reflexivo advindo do Hemisfério Norte no Brasil?

O primeiro aspecto que destaco é que a palavra Queer, originalmente, é um xingamento, um palavrão, uma injúria contra a população homossexual. Um insulto que tem paralelo com termos pejorativos ouvidos cotidianamente por aquelas e aqueles que transgridem as normas, e são taxadas de pessoas esquisitas, estranhas, anormais, bichas, boiolas, baiotolas, *quá quá*, *pocs*, sapatões, caminhoneiras, etc. De acordo com Tamsin Spargo (1999), Queer, em inglês, pode atuar como verbo, substantivo ou adjetivo, mas, em todos os casos, o interessante é perceber como um insulto passou a ser reivindicado como expressão de transgressão, agindo como marcador de oposição à norma ou à normalização, com o movimento Queer indo se fortalecer na abjeção para construir ferramentas críticas para confrontar aquilo que é dado como verdadeiro, normal e natural.

Eve Kosofsky Sedgwick, em sua obra *Tendências*, informa que o termo Queer é de origem indo-europeia, *twerkw*, que significa através. Advém também do alemão *quer*, que pode ser traduzido como transversal (SEDGWICK, 1994). Por sua vez, Lorenzo Bernini, no livro *Apocalipsis Queer: elementos de teoría antisocial*, complementa que Queer deriva do verbo latino *torquere*, de torcer, e pode significar transversal, diagonal, oblíquo. Por analogia, Queer é o contrário de *straight*, que significa direito, reto, linear. Ao transladar para o contexto social, a heterossexualidade representaria a “retidão moral” e as identidades de gênero não normativas seriam o desviante, o torcido, o torto, o bizarro (BERNINI, 2015).

George Chauncey observou que, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, os termos como “*fairy*” e “*queer*” nominavam gradações de afeminação e descrição entre homens, podendo relacionar-se com “*fairies*” e “*queers*” em relações homoafetivas marcadamente caracterizadas por parceiros que eram classificados como “ativo” e “passivo” (CHAUNCEY, 1995). A partir de então, Queer foi utilizado como insulto homofóbico para estranhar e ridiculizar gays e lésbicas (BUTLER, 1994, 1999).

Richard Miskolci (2009, 2012) compreende o uso da palavra Queer como uma resistência da abjeção, vindo daí o uso de um xingamento para perturbar a ordem, a identidade, o sistema; criando um sentimento de ser temido por sua existência e ameaçar uma visão homogênea e estável da sociedade. Trata-se, portanto, de um termo reconhecidamente provocador, desafiador e assustador, que foi resgatado justamente por conter sentimentos de abjeção, ou seja, atua como um marcador político para reafirmar a

dura realidade e transformá-la. Por esse motivo, tem uma longa e complicada trajetória ao significar coisas diferentes em diferentes contextos, sendo que na literatura acadêmica é muitas vezes usado em desacordo do seu sentido coloquial (KLEMBARA, 2017).

A apropriação política da palavra Queer trouxe ao centro do debate toda a sua carga de deboche para criar uma pauta de oposição e contestação às normas de sexualidade e gênero e para ressaltar sujeitos desviantes: lésbicas, homossexuais, pessoas trans, *drags* (LOURO, 2000, 2001, 2004). Para Leandro Colling, a ideia foi positivar o termo pejorativo que insultava os homossexuais e que adquiri grande força justamente por invocar reiteradamente o que se relaciona com acusações, patologias e insultos, dando um novo significado ao termo (COLLING, 2015a, 2015b, 2018, [20--]). Portanto, a escolha do Queer para se autodenominar serviu para destacar o compromisso em desenvolver uma analítica da normalização (MISKOLCI, 2009, 2012) que critica as normas socialmente impostas.

Nessa mesma linha de raciocínio, Guaciara Lopes Louro discorreu sobre a resignificação da palavra Queer:

Sua utilização pelos ativistas dos movimentos homossexuais constitui uma tentativa de recuperação da palavra, revertendo sua conotação negativa original. Essa utilização renovada da palavra "quer" joga também com um de seus outros significados, o de "estranho". Os movimentos homossexuais falam, assim, de uma política quer ou de uma teoria quer. (LOURO, 2004, p. 125)

Portanto, Queer engloba aquilo que é "excêntrico" que não deseja ser "integrado", tampouco "tolerado". Nas palavras de Guaciara Lopes Louro, "queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do entre lugares, do indecível" (LOURO, 2004). Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; a crítica à normalização e à estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante, com ênfase na diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e que, portanto, atua por meio da transgressão e perturbação da norma (LOURO, 2001).

## QUEER O QUÊ?

Para tentar responder os questionamentos iniciais, parafraseei o título de um artigo de Berenice Bento (2014a), *Queer o quê? Ativismos e estudos transviados*, publicado pela revista Cult, para destacar que, até os idos dos anos 2000, os estudos Queer começavam a chegar no Brasil, especialmente com as obras traduzidas de Michel Foucault (2005, 2006, 2008) e as pesquisas sobre gênero e performatividade de Judith Butler (2002, 2015). Colling (2012) aponta alguns marcos que impulsionaram os estudos Queer, na década de 1980, a exemplo do movimento gay estadunidense, que se mobilizou para pressionar o governo conservador de Ronald Reagan pelo descaso em tratar a disseminação do vírus HIV nos Estados Unidos e tratá-lo como um problema de saúde pública. Nesse contexto, destaco o papel transgressor e radical do movimento civil organizado, como o *ACT UP (Aids coalition to unleash power)*, *Queer Nation* e *Lesbian Avengers*, que organizavam protestos e intervenções públicas para chocar a sociedade e chamar a atenção para suas pautas.

Na obra *What's Queer about Queer Studies Now?* Eng, Halberstam e Muñoz (2005) compreendem a teoria Queer como uma metáfora sem um referente fixo, que denuncia que a sexualidade não é o eixo principal dos processos sociais que marcaram e ainda moldam as relações sociais das pessoas e dos coletivos. Como bem enfatiza Miskolci (2009), os teóricos Queer focam suas análises nos discursos produtores de saberes sexuais por meio do método desconstrutivista, desconfiando de sujeitos sexuais estáveis. Logo, Queer foi considerada uma nova política de gênero, cuja realidade pôde ser vista nos movimentos de travestis, transexuais, não brancos, não binários, o que atesta a pluralização dos sujeitos (BUTLER, 2015). Segundo Berenice Bento (2006, 2017), os estudos Queer irão radicalizar o projeto feminista interna e externamente, ao ampliar as vozes para habilitar travestis, *drag queens*, *drag kings*, transexuais, lésbicas, gays e bissexuais como sujeitos que constituem as suas identidades por meio dos mesmos processos daqueles que se consideram socialmente “normais”.

No universo acadêmico, os teóricos convergem quanto ao reconhecimento do marco que inaugura a teoria Queer, que ocorreu em fevereiro de 1990, em uma palestra proferida por Tereza de Lauretis, denominada de *Queer Theory: lesbian and gays sexualities*, na Universidade de Santa Cruz, na Califórnia (BERNINI, 2015). Sua fala apresentava um aporte analítico que se opunha criticamente aos estudos sociológicos sobre as minorias

sexuais e de gênero e fornecia uma analítica da normalização focada na sexualidade (MISKOLCI, 2009, 2012). Caterina Alessandra Rea e Izzie Madalena Santos Amancio, contudo, com base em um conjunto de autores decoloniais, oferecem uma perspectiva diferente ao afirmarem que antes mesmo da primeira “onda” Queer com Butler e De Lauretis, foi Gloria Anzaldúa quem utilizou, pela primeira vez, em um texto teórico, o termo Queer. A perspectiva de Anzaldúa foi desestabilizar as fronteiras sexuais, de gênero, mas também raciais, culturais, linguísticas e de classe, pelo fato dela mesma se considerar uma chicana em terras estadunidenses e escrever seus textos em castelhano e inglês. Além do mais, a própria autora se autodenominava de Queer, conforme narrado no texto *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (REA e AMANCIO, 2018).

Conforme explicitado, antes da abordagem Queer adentrar aos espaços acadêmicos ela já era um constructo estadunidense de ativismo e militância política de gays, lésbicas e pessoas trans, em um caso clássico em que a prática nasce antes do conceito. No ambiente formal das universidades, o que veio a ser denominada de teoria Queer ganhou amparo nos estudos culturais norte-americanos e no pós-estruturalismo francês, ao problematizar concepções clássicas do sujeito, identidade, agência e identificação (MISKOLCI, 2009, 2012). Além disso, colocou-se como uma bandeira de ativismo político muito poderosa para criticar, dentre vários aspectos, o que se convencionou chamar de paradigma da igualdade, difundido por muitos movimentos sociais, inclusive o movimento LGBTTQI+. Ao passo que, na Europa, Beatriz Preciado (2014) reconhece que os movimentos Queer inspiram-se nas culturas anarquistas e nas emergentes culturas de transgêneros para combater o “Império Sexual”, ao propor a desontologização das políticas de identidades de uma multidão de corpos: transgêneros, homens sem pênis, *gounis garous*, ciborgues, *femmes butchs*, bichas lésbicas, entre outras categorias.

Para Miskolci (2012), o que hoje se compreende como Queer, tanto na sua acepção política quanto teórica, surgiu como impulso crítico em relação à ordem sexual contemporânea, possivelmente associado à contracultura e às demandas dos coletivos, na década de 1960; reuniam-se nos chamados novos movimentos sociais, incluindo-se aí o movimento negro, a segunda onda do movimento feminista e o movimento homossexual. Segundo Colling (2013, 2015a), para o movimento Queer não existe apenas uma forma de viver as homossexualidades, as bissexualidades, as travestilidades e também as heterossexualidades, como também não existem apenas dois gêneros, mas há uma considerável parcela de pessoas que prefere ficar nos trânsitos e/ou nas margens.

A medida que várias identidades não normativas (gays, lésbicas, queers, bissexuais, transexuais, travestis) emergem publicamente, elas acabam por evidenciar concretamente a instabilidade e a fluidez das identidades sexuais, o que desestabiliza a norma (LOURO, 2000). A este respeito Mário César Lugarinho comentou:

A teoria *queer* aprofunda as relações possíveis entre as identidades *gays* e lésbicas e a cultura construída em torno de conceitos como natural e normal – isto é, problematiza e desconstrói os conceitos de identidade, a partir da constituição de um sujeito *queer*, definido através de sua etnia, classe social, ideologia política, religião etc. Em vista disso, a tônica de sua análise reside no fato de congregar toda uma comunidade que se opõe, de diferentes maneiras, à identidade heterossexual dominante na cultura. (LUGARINHO, 2001, p. 41)

É a partir desse *background*, que pensadoras e pensadores brasileiros, inspirados em Annemarie Jagose, Beatriz Preciado, David M. Halperin, Daniel Borrillo, Eve K. Sedgwick, Gayle Rubin, Guy Hocquenghem, Jacques Derrida, Joshua Gamson, Michael Warner, Joan Scott Weeks, Judith Butler, Michael Warner, Mary McIntosh, Michel Foucault, Steven Seidman, Tereza de Lauretis, dentre outros, começaram a empreender estudos que rompem com as abordagens mais antigas sobre a sexualidade e o gênero, percebendo-os como dispositivos historicamente construídos e que exercem poder; trata-se, nas palavras de Michel Foucault, de escancarar um dos traços mais marcantes das sociedades ocidentais modernas que se inclinam a inserir a sexualidade em sistemas de unidade e regulação social (FOUCAULT, 2005).

## QUEER NO BRASIL: DESCOLONIZANDO CONCEITOS E IDENTIFICANDO ABORDAGENS TROPICAIS

Ao analisar a produção teórica no campo dos estudos Queer, uma das principais questões que permeia o debate é a pertinência em se utilizar academicamente, em terras tropicais, uma palavra/conceito cunhada no estrangeiro, chegando-se a avaliar se faz sentido traduzir a expressão Queer para o português (PELÚCIO, 2012, 2014). Além disso, encontra-se em franca discussão e reflexão se os estudos e as abordagens categorizadas como Queer permitem serem avaliados, no sentido de se compreender a validade de sua

apropriação cultural, com vistas a se perceber suas ressonâncias nas esferas acadêmica e/ou no ativismo político.

Para Larissa Pelúcio (2014), o pensamento Queer foi, desde seu início acadêmico em terras brasileiras, eminentemente uma teoria de combate. A autora compreende a teoria Queer como um espaço de luta política e uma arena de embate de ideias que procura enfrentar a naturalização de uma série de opressões, como o caráter compulsório da heterossexualidade; a desconstrução dos binarismos que enrijecem as possibilidades de transformações, frisando as crueldades dos discursos hegemônicos, muitas vezes revestidas de um cientificismo que retira a humanidade de determinados seres humanos.

No Brasil, alguns marcos também podem ser associados a uma protoprática Queer, mesmo antes de sua construção teórica e sua inserção nas universidades. Posso citar as obras de José Fábio Barbosa da Silva, em *Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo* (1959); de Michel Misse, em *O estigma do passivo sexual* (1979); de Nestor Perlongher, em *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo* (1987) e de João Silvério Trevisan, em *Devassos no Paraíso* (2000), além da rica produção das últimas três décadas do século XX, a exemplo de Carmem Dora Guimarães, Edward MacRae, Luiz Mott, James N. Green, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

As atividades dessa primeira geração de pensadores não se enquadram formalmente nos estudos Queer, visto que os primeiros escritos sobre a temática são tardios e encontram eco especialmente nas áreas de educação e sociologia, com destaque para os textos de Berenice Bento, Carla Rodrigues, Guacira Lopes Louro, Larissa Pelúcio, Leandro Colling, Mário César Lugarinho, Miguel R. de Sousa Neto, Richard Miskolci, Richard Parker, entre outros.

Sobre a chegada da teoria Queer ao Brasil, Miskolci (2014, p. 33) comentou:

A recepção brasileira da Teoria queer se deu – desde o seu início – articulada às nossas necessidades e problemáticas buscando incorporá-la em práticas sociais. Na década de 2000, a disseminação queer se deu de forma progressiva e transversal nas mais diversas áreas do conhecimento: da educação passando pela sociologia, a psicologia, a comunicação, a antropologia, a história, a linguística e ecoando até em áreas mais sisudas como o direito. Em 2007, com a publicação da primeira compilação de estudos Queer brasileiros na revista *Cadernos Pagu*, já estava consolidada nossa incorporação de um novo léxico teórico...

Por se tratar de uma premissa focada no tensionamento da norma e na transgressão enquanto gesto político de afirmação das diferenças, não tardaram a surgir propostas para que as narrativas Queer no Brasil, tanto no campo prático como no teórico, buscassem como linha de enfrentamento o próprio questionamento da palavra Queer, muitas vezes considerada uma imposição estrangeira que não consegue dialogar com as epistemologias do Hemisfério Sul.

Para Pedro Pereira (2006), essas preocupações são justas e criam uma atitude contestatória de uma posição fora do centro, que se situa à margem, na periferia, pois ao contrário entraríamos em uma eterna repetição de teorias construídas nos países centrais. Essas posições fomentam formas criativas de lidar com as teorias que se afastam da busca redutora de “aplicar” ideias elaboradas alhures, construindo uma postura autocrítica, com a possibilidade de distorcer, transgredir e estranhar, lemas que são eminentemente Queer. Nas palavras de Pelúcio (2014), seria necessário deslocar a lógica do “centro” para outras lógicas “sociológicas” forjadas nas experiências coloniais, como no Brasil e em outros países da América do Sul. Trata-se de ressaltar criticamente os apagamentos de saberes que são hoje como palimpsestos, os quais nos esforçamos em reconhecer e adivinhar suas lacunas para fazê-los falar. João Manuel de Oliveira ressalta que não existe em português o termo Queer, tampouco *cuir*, nem sequer *kuir*, mas propõe que devemos tirá-lo da sua gramática política inicial para usá-lo em outros sistemas linguísticos, adaptando-o, comendo-o, em um ritual de antropofagia (OLIVEIRA, 2017).

Muitas propostas para descolonização do pensamento euramericano vêm se apresentando como perspectivas produzidas e difundidas desde o sul, a exemplo de Berenice Bento e outros autores, que costumam abordar em suas publicações os seus desencontros com os estudos e o ativismo Queer, ao enfatizar os problemas com a tradução em português, que não tem a mesma aderência observadas em outros países (BENTO, 2014a, 2014b, 2017; GOMES FILHO, 2016; SILVA et al., 2018). A autora reflete sobre a possibilidade da substituição da palavra Queer por *Estudos ou Ativismos Transviados*, ruminando antropofagicamente o seu conceito e propondo um modelo de análise para as questões de gênero e sexualidade correlacionadas com as questões de raça, etnia, classe, religiosidade (BENTO, 2014a, 2014b).

Neste campo de negociação, Beatriz Preciado chama a atenção para a noção de “multidão QUEER”. Para ela, a multidão Queer não tem relação com um “terceiro sexo” ou com um “além dos gêneros”. Ela se faz na apropriação das disciplinas de saber/poder sobre os sexos, na rearticulação e no desvio das tecnologias do sexo e nas políticas específicas de produção dos corpos “normais” e “desviantes”. A política das multidões Queer emerge de uma posição crítica a respeito dos efeitos normalizantes e disciplinares de toda formação identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades, que apela para a queerização urgente da “natureza” (PRECIADO, 2011).

Colling (2017) chama a atenção para aquilo que ele denomina de *Artivismo* das dissidências sexuais e de gênero, que vem construindo espaços de resistência contra a onda conservadora e o fundamentalismo religioso contra as pessoas LGBT. Tal resistência está em um novo ou novíssimo movimento, que não é e nem quer ser, ao menos por enquanto, institucionalizado. Esta multidão está em escolas, universidades, ruas, locais ocupados, redes sociais, teatros, bares, prédios públicos diversos, algumas igrejas e terreiros de religião de matriz africana, enviadescendo os discursos. No âmbito do ativismo político, o autor ainda destaca as estratégias *camp*, que poderiam ser compreendidas como uma forma de ativismo, com a sua predileção pelo inatural: pelo artifício e pelo exagero. *Camp* pode ser encontrada nos objetos e no comportamento das pessoas. Há filmes, roupas, móveis, canções populares, romances, pessoas, edifícios *camp*. Ela pode ser comparada com a fecheação, a atitude exagerada dos coletivos, ou simplesmente com a afetação (COLLING, [20--]), e aí eu incluo a lacração.

Como exemplos de ativismos e estratégias *camp*, Colling (2017) cita uma série de artistas que está produzindo, de forma pungente em diferentes linguagens e discursos, seus questionamentos e críticas ao binarismos, a naturalizações e a normatizações relacionadas ao gênero e sexualidades no Brasil, cabe destacar, apenas na esfera musical, Liniker, Leniker, Pablo Vittar, Glória Groove, Linn da Quebrada, Jaloo, Solange Tô Aberta, Caio Prado, As Bahias e a Cozinha Mineira, Rico Dalasam, Verônica Decide Morrer, Banda Uó (GUIMARÃES e BRAGA, 2017).

Pelúcio (2014) vai além e ressalta a importância de se ter uma epistemologia cucaracha e propõe a criação de uma “teoria do cu”, tratando-o a partir de suas diferentes apropriações culturais e de sentidos, desde o espacial, como o “cu do mundo”, até o festejado, como “o cu da bunda” carnavalesca, para citar apenas dois. Trata-se de um

exercício antropofágico sobre as contribuições de pensadoras e pensadores do norte, de refletir e localizar o nosso lugar nessa “tradição”, ao auxiliar a gestar esse conjunto farto de conhecimentos sobre corpos, sexualidades, desejos, biopolíticas e geopolíticas, rompendo com os regimes falocêntricos e heteronormativos da ciência canônica.

Nessa mesma linha, autoras e autores estão construindo suas próprias ressignificações e apropriações, como *enviadecer* (GOMES FILHO, 2016) ou *transviadar* (BENTO, 2014a, 2014b) para desafiar o pensamento Queer nos trópicos, pois compreendem que a dinâmica Queer permite a sabotagem, que se pode *hackear*, piratear, reciclar, e produzir teoria *bandita*, que vai cozinhar e devorar, infectar com a marca do hífen (OLIVEIRA, 2017).

Ao fornecer uma visão decolonial para os estudos Queer Euramericanos centrados, Caterina Rea e Izzi Amancio propõem a abordagem que denominam de *Queer of Colour* e os seus trânsitos para o sul. Suas reflexões discorrem sobre as práticas Queer enquanto experiências culturais subalternas, anti-hegemônicas, de contestação da sociedade normativa e das suas múltiplas formas de exclusão. Nesse contexto, a teoria Queer deveria basear-se na politização da dissidência sexual e das sexualidades contra hegemônicas e por uma política das identidades não essencializadas, que confronta as relações pós/neocoloniais, as tensões étnico-raciais, os novos imperialismos, o terrorismo e os conflitos do mundo neocapitalista (REA e AMANCIO, 2018).

Diante de tal panorama, compreendo que a teoria Queer, *Queer of Colors*, os Estudos Transviados, as Viadagens e os Artivismos abrem um leque de possibilidades para a arqueologia, sobretudo quando a concebemos como uma disciplina engajada politicamente e como uma forma de ação social e política no presente (TILLEY, 1998). Diante do quadro esboçado, é de extrema importância a visibilidade de outros coletivos e de vozes que destoem das normas e das amarras hegemônicas, no intuito de descolonizar e colorir a teoria Queer, inclusive, no campo da arqueologia, tanto em âmbito local como global, ao reunir povos indígenas, afrodescendentes, quilombolas, ribeirinhos, pessoas LGBT, que, nas palavras de, Gamson (2002) não é tanto para se rebelar contra a condição marginal, mas desfrutá-la.

## ALGUMAS REFLEXÕES...

A teoria Queer aporta no Brasil, em fins do século XX, como uma teoria crítica de ação/reflexão e rapidamente ela foi incorporada por teóricos da educação, sociologia, literatura, e, mais recentemente, em outras áreas das humanidades, como a história, o direito e a antropologia. Ao mesmo tempo, o movimento Queer tem ganhado as ruas, com novas linguagens nas artes, nas mídias digitais e em embates políticos contra o discurso conservador e reacionário cada vez mais crescente no Brasil. Nos últimos cinco anos houve uma crescente produção acadêmica e ativista que está popularizando a teoria e os estudos Queer, inclusive para outras audiências distantes da academia. Os espaços de debate, outrora confinados a um campo restrito e disciplinar, vêm se ampliando e novas vozes estão surgindo no cenário brasileiro, com uma produção criativa, provocativa e multiárea.

A este respeito, cito a obra *História e Teoria Queer*, organizada por Miguel Rodrigues de Sousa Neto e Aguinaldo Gomes, publicada em 2018, que trouxe para o debate as invisibilidades das identidades não normativas nas narrativas históricas e os *Ensaio sobre raça, gênero e sexualidades no Brasil – séculos XVIII – XX*, de Jocélio Teles dos Santos, publicados em 2013, com capítulos que ilustram a interseccionalidade em alguns estudos de caso. Nas letras, destaca-se o livro *Homocultura e Linguagens*, organizado por Fábio Figueiredo Camargo e Paulo César Garcia, publicado em 2016, que realiza uma crítica a heteronormatividade e propõe a desconstrução do sistema logocêntrico. Na área das políticas públicas, indico as obras *Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas*, organizada por Henrique Caetano Nardi, Raquel da Silva Silveira e Paula Sandrine Machado, publicada em 2017.

Na área de religiosidades, *Religiões e homossexualidades*, organizado por Maria das Dores Campos Machado e Fernanda Delvalhas Piccolo, publicado em 2010, trata das questões de gênero, sexualidade, homossexualidades e os mecanismos de negociação e conflito em distintos espaços religiosos. No campo da antropologia, cabe destacar os trabalhos de Estevão Rafael Fernandes, que trazem importantes reflexões sobre os estudos de sexualidade e gênero entre os indígenas do Brasil e dos EUA, a partir da descolonização do pensamento antropológico e com foco em questões consideradas tabus, como homossexualidade indígena, o choque do comportamento ocidental com as ontologias locais, a crítica colonial e o ativismo LGBT, com destaque para *Ativismo Homossexual*

*Índigena: uma análise comparativa entre Brasil e América do Norte* (FERNANDES, 2015); *Quando existir é resistir: two-spirit como crítica colonial* (2017a); *Ser índio e ser gay: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil* (2017b) e *Gay Indians in Brazil: Untold Stories of the Colonization of Indigenous Sexualities* (2017c).

Pelas comemorações dos 40 anos do movimento LGBT no Brasil, James N. Green, Renan Quinalha, Marcio Caetano e Marisa Fernandes organizaram a coletânea *História do Movimento LGBT no Brasil*, em 2018, sendo que os dois primeiros também reeditaram *Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade*, também em 2018. Essas obras fazem um balanço histórico extremamente rico de temas pouco abordados na historiografia oficial e já se tornaram referências para as pesquisas nessa área.

No campo da grande mídia, a revista Cult vem tratando as temáticas de gênero, sexualidade, Queer e movimento LGBT em importantes dossiês temáticos, como *Literatura Gay: bandeira política ou gênero literário* (CULT, 2003); *Teoria Queer: o gênero sexual em discussão* (CULT, 2014); *Ditadura Heteronormativa* (CULT, 2015); *Artivismo: das dissidências sexuais e de gênero* (CULT, 2017) e *Os 40 anos do movimento LGBT no Brasil* (CULT, 2018), cabe citar ainda o Dossiê *Homossexualidades: da perseguição à luta por igualdade*, publicado pela Revista História, da Biblioteca Nacional, em 2015 (HISTÓRIA, 2015).

Nas artes, a perspectiva Queer ganhou bastante notoriedade pública, desgraçadamente por um processo de “queimação” orquestrado por grupos de direita nas mídias sociais, a partir de polêmicas geradas em torno da *Exposição Queermuseu - Cartografias da Diferença na Arte Brasileira*, que estava em cartaz no Santander Cultural, em Porto Alegre, no dia 15 de agosto de 2017, e que se estenderia até o dia 8 de outubro do mesmo ano. Todavia, antes de seu encerramento, a mostra sofreu uma forte intervenção por parte do Banco Santander, que a cancelou em 10 de setembro, após protestos em redes sociais que a acusavam de fomentar a “blasfêmia a símbolos religiosos e de, em alguns casos, pedofilia e zoofilia” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2017, p. 2).

Logo após o encerramento da QUEERMUSEU, um dos mais importantes museus da América Latina, o MASP – Museu de Arte de São Paulo – inaugurou a exposição *Histórias da Sexualidade*, que ficou em cartaz entre os meses de outubro de 2017 e fevereiro de

2018, com a curadoria Adriano Pedrosa, Camila Bechelany, Lilia Schwarcz e Pablo León de la Barra. Foram mais de 250 obras divididas em núcleos temáticos: *Corpos nus*, *Totemismos*, *Religiosidades*, *Performatividades de gênero*, *Jogos sexuais*, *Mercados sexuais*, *Linguagens e Voyeurismos*, *Políticas do corpo* e *Artivismos*, com artistas como Edgard Degas, Maria Auxiliadora da Silva, Pablo Picasso, Paul Gauguin, Suzanne Valadon e Victor Meirelles (PEDROSA e MESQUITA, 2017).

Por fim, convém relatar o que está sendo produzindo sobre a teoria Queer no campo da arqueologia. A este respeito, cito as produções pioneiras de Renato Pinto, como a tese que virou livro *Duas rainhas, um príncipe e um eunuco: masculino e feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana*, que trata de uma análise pela perspectiva Queer de alguns temas da Bretanha Romana, por um novo viés que desafia os discursos homogeneizantes e normativos no fazer arqueológico. O autor analisa personagens que perpassam temporalmente o imaginário bretão, como as rainhas Boudica e Cartimandua, e os papéis sociais de um príncipe e de um eunuco (PINTO, 2011a); bem como os artigos, *Representações homoeróticas masculinas na cultura material romana e as exposições dos museus: o caso da Warren Cup* (PINTO, 2011b), no qual analisa as representações homoeróticas masculinas na taça romana de prata conhecida como *Warren Cup*, e *Museus e diversidade sexual: reflexões sobre mostras LGBT e QUEER*, que trata de exposições em museus que mostram artefatos, a história e a memória de grupos LGBT-Q (lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e queer) (PINTO, 2012).

Recentemente, algumas iniciativas coletivas começam a agregar arqueólogas e arqueólogos de distintas partes do Brasil, a exemplo da publicação de um número temático da Revista de Arqueologia, da Sociedade de Arqueologia Brasileira, denominado de Arqueologia e Crítica Feminista, em 2017. Dentre as contribuições, destaco o artigo publicado por Fabiano de S. Gontijo e Denise P. Schaan, *Sexualidade e Teoria Queer*, que aborda os estudos de gênero e de sexualidade, o legado da crítica feminista na formação da teoria Queer e da perspectiva construtivista em bioarqueologia no que diz respeito às (re)considerações de sexo, sexualidade e gênero (GONTIJO e SCHAAN, 2017).

Também não poderia deixar de citar a realização do simpósio *Aproximações da Arqueologia Brasileira com a Teoria Queer*, apresentado no IX TAAS, ocorrido em 2017, em Ibarra, Equador. O simpósio contou as seguintes apresentações: *Aproximações da Arqueologia Brasileira com a Teoria Queer* (Arkley Marques Bandeira); *As folhas de vinhas*

*das Evas da Ilha de Marajó e a (de)construção de paradigmas em Arqueologia* (Emerson Nobre); *Ampliação da noção da diferença por meio da interseccionalidade nas práticas educativas na Arqueologia* (Maurício André da Silva); *Patrimônio como categoria de luta LGBTQ+?* (Bruno S. Ranzani da Silva); *Nem ela, nem ele?: por uma Arqueologia (trans\* e) além do binário* (Gabby Hartemann) e *“Piada de branco”? homofobia como prática de sociabilidade na prática Arqueológica* (Frederic M. C. Pouget).

Em síntese, finalizo minhas reflexões ao ressaltar que o ativismo político e acadêmico no âmbito da Teoria Queer, dos Estudos Transviados, pela Epistemologia do Cu, pelas Viadagens dos temas e categorias ou quaisquer outras temáticas de estudos não essencializantes são especialmente importantes em tempos de insegurança democrática. O Brasil vive momentos de incertezas de todas as ordens na atualidade. Temas como a “cura gay”, “ideologia de gênero”, “escola sem partido”, “proibição de disciplinas que trabalham com a perspectiva da diversidade e identidade de gênero”, “exclusão desses termos em documentos estruturantes do MEC”, “obrigatoriedade do ensino religioso normativo”, “proibição do aborto”, “pressão contra a criminalização da homofobia”, “censura à livre expressão artística ou de outras formas de expressão que envolvam as temáticas da diversidade” e permeiam os discursos oficiais na maioria dos órgãos federais.

Neste contexto, trazer o Queer para a arqueologia equivale lutar para a construção de um campo de atuação plural, heterogêneo, crítico e engajado na defesa dos princípios republicanos, democráticos e cidadãos, e que considere a diversidade étnica e cultural, os diferentes modos de vida, as sexualidades não normativas e as identidades de gênero e a defesa dos direitos das minorias, ressaltando sua relevância política e social no presente e no futuro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BENTO, Berenice. Queer o quê? Ativismo e estudos transviados. In: Dossiê Teoria Queer: o gênero sexual em discussão. **Revista Cult**, ano 17, n. 193, p. 43-46, 2014a.

BENTO, Berenice. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Revista Florestan**, v. 1, n. 2, p. 46-66, 2014b.

BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017.

BERNINI, Lorenzo. **Apocalipsis Queer**: elementos de teoría antissocial. Madri: Editorial Egales, 2015.

BUTLER, Judith. Against proper objects. **Differences**: a journal of feminist cultural studies, v. 6, n. 2, p. 1-26, 1994.

BUTLER, Judith. Meramente cultural. **El Rodaballo**. Tradução de Alicia de Santos. Buenos Aires, ano V, n. 9, 1998/1999.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que Importan**: Sobre os límites materiales y discursivos del "sexo". Buenos Aires, Barcelona, México: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CAMARGO, Fábio Figueiredo; GARCIA, Paulo César. **Homocultura e Linguagens**. Salvador: EDUNEB, 2016.

CHAUNCEY, George. **Gay New York**: Gender, Urban Culture, and the Making of the Gay Male World, 1890-1940. [s. l.]: Basic Books, 1995.

COLLING, Leandro. Como pode a mídia ajudar na luta pelo respeito à diversidade sexual e de gênero? In: PELÚCIO, Larissa et al. (Org.). **Olhares plurais para o cotidiano**: gênero, sexualidade e mídia. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

COLLING, Leandro. A igualdade não faz o meu gênero: em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil. **Contemporânea**, v. 3, n. 2, p. 405-427, 2013.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal**: tensões entre movimento LGBT e ativismo queer. Salvador: EDUFBA, 2015a.

COLLING, Leandro. Quatro dicas preliminares para transar a genealogia do queer no Brasil. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, A. V. (Org.). **Desfazendo gênero**: subjetividade, cidadania, transfeminismo. Natal: EDUFRN, 2015b. p. 223-242.

COLLING, Leandro. Ativismo: das dissidências sexuais e de gênero. In: Dossiê Ativismo das dissidências sexuais e de gênero: a arte enfrenta a violência normativa dos nossos dias. **Revista Cult**, ano 20, n. 226, p. 18-19, 2017.

COLLING, Leandro. Impactos e/ou sintonias dos estudos queer no movimento LGBT do Brasil. In: GREEN, James N. et al. (Org.). **História do movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018. p. 515-531.

COLLING, Leandro. **Mais definições em trânsito**: Teoria Queer. [20--]. Disponível em <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/TEORIAQUEER.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2019.

COLLING, Leandro; SOUSA, Alexandre Nunes de; SENA, Francisco Soares. Enviadescer para produzir interseccionalidade. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lígia (Org.).

**Gêneros e Sexualidades:** interseções e tangentes. Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL), p. 194-215, 2017.

CULT. Literatura Gay: bandeira política ou gênero literário. **Revista Cult**, ano 6, n. 66, 2003.

CULT. Crítica à hegemonia heterossexual. In: Dossiê Teoria Queer: o gênero sexual em discussão. **Revista Cult**, ano 17, n. 193, 2014.

CULT. Ditadura Heteronormativa. **Revista Cult**, ano 18, n. 202, 2015.

CULT. Dossiê Ativismo das dissidências sexuais e de gênero: a arte enfrente a violência normativa dos nossos dias. **Revista Cult**, ano 20, n. 226, 2017.

CULT. Os 40 anos do movimento LGBT no Brasil. **Revista Cult**, ano 21, n. 235, 2018.

ENG, David L.; HALBERSTAM, Judith; MUÑOZ, José Esteban. **What's queer about queer studies now?** Durham, NC: Duke University Press, 2005.

FERNANDES, Estevão Rafael. Ativismo Homossexual Indígena: uma análise comparativa entre Brasil e América do Norte. **Dados**, v. 58, p. 257-294, 2015.

FERNANDES, Estevão Rafael. Quando existir é resistir: *two-spirit* como crítica colonial. **Revista de estudos e pesquisas sobre as Américas**, v. 11, n. 11, p. 100-122, 2017a.

FERNANDES, Estevão Rafael. Ser índio e ser *gay*: tecendo uma tese sobre homossexualidade indígena no Brasil. **Etnográfica: Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia**, v. 21, n. 3, p. 639-647, 2017b.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Gay Indians in Brazil: Untold Stories of the Colonization of Indigenous Sexualities.** USA: Springer, 2017c.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Após protesto, mostra com temática LGBT em Porto Alegre é cancelada.** 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/09/1917269-apos-protesto-mostra-com-tematica-lgbt-em-porto-alegre-e-cancelada.shtml>. Acesso em: 27 jan. 2019.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber.** São Paulo: Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** São Paulo: Graal, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GAMSON, Joshua. Deben autodestruirse los movimientos identitarios? Un extraño dilema. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgresoras.** Una antología de estudios queer. Barcelona: Icaria editorial, p. 141 a 172, 2002.

GREEN, James N. et al. (Org.). **História do Movimento LGBT no Brasil.** São Paulo: Alameda, 2018.

GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Ed.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos. Estudos Transviados: algumas reflexões. **Revista Interfaces**: saúde, humanas e tecnologia, v. 3, n. 11, p. 21-25, 2016.

GONTIJO, Fabiano de S.; SCHAAN, Denise P. Sexualidade e teoria Queer: apontamentos para a arqueologia e para a antropologia brasileiras. **Revista de Arqueologia Brasileira – Número especial Crítica Feminista e Arqueologia**, v. 30, n. 2, p. 51-70, 2017.

GUIMARÃES, Rafael; BRAGA, Cleber. Vidobras dissidentes na música pop brasileira. In: Dossiê Artivismo das dissidências sexuais e de gênero: a arte enfrente a violência normativa dos nossos dias. **Revista Cult**, ano 20, n. 226, p. 29-31, 2017.

HISTÓRIA. Dossiê Homossexualidades: da perseguição à luta por igualdade. **Revista da Biblioteca Nacional**, ano 10, n. 119, 2015.

KLEMBARA, Nathan. **Queer archaeology**: present and future. Disponível em: <http://mapabing.org/author/nklembara/>. Acesso em: 26 jan. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, Florianópolis, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Um Corpo Estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.

LUGARINHO, Mário César. Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa. **Revista Gênero**, v. 1, n. 2, 2001.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Delvalhas (Org.). **Religiões e homossexualidades**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MISKOLCI, Richard. Crítica à hegemonia heterossexual. In: Dossiê Teoria Queer: o gênero sexual em discussão. **Revista Cult**, ano 17, n. 193, p. 32-35, 2014.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

NARDI, Henrique Caetano; SILVEIRA, Raquel da Silva; MACHADO, Paula Sandrine (Org.). **Diversidade sexual, relações de gênero e políticas públicas**. Porto Alegre: Sulina, 2017.

NETO, Miguel Rodrigues de Sousa; GOMES, Aguinaldo (Org.). **História e Teoria Queer**. Salvador: Devires, 2018.

OLIVEIRA, João Manuel de. Trânsitos de Género: leituras queer/trans\* da potência do rizoma género. In: OLIVEIRA, João Manuel de; AMÂNCIO, Lúcia (Org.) **Géneros e Sexualidades**: interseções e tangentes. Lisboa: Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL), 2017. p. 115-138.

PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (Org.). **Histórias da sexualidade**: antologia. São Paulo: MASP, 2017.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 395-418, 2012.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, 2014.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A teoria queer e a reinvenção do corpo. **Cadernos Pagu**, 27, p. 469-477, 2006.

PERLONGHER, Nestor Osvaldo. **O negócio do michê**: prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PINTO, Renato. **Duas Rainhas, um Príncipe e um Eunuco**: gênero, sexualidade e as ideologias do masculino e do feminino nos estudos sobre a Bretanha Romana. (Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em História Cultural) – Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas, 2011a.

PINTO, Renato. Representações homoeróticas masculinas na cultura material romana e as exposições dos museus: o caso da Warren Cup. **MÉTIS: história & cultura**, v. 10, n. 20, p. 111-132, 2011b.

PINTO, Renato. Museus e diversidade sexual: reflexões sobre mostras LGBT e *queer*. **Revista de Arqueologia Pública**, n. 5, p. 44-55, 2012.

PRECIADO, Beatriz. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**: práticas subversivas de identidade sexual. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2014.

REA, Caterina Alessandra; AMANCIO, Izzie Madalena Santos. Descolonizar a sexualidade: Teoria queer of Colour e trânsitos para o Sul. **Cadernos Pagu**, n. 53, 2018.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **Ensaio sobre raça, gênero e sexualidades no Brasil** – séculos XVIII – XX. Salvador: EDUFBA, 2013.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Tendencies**. Londres: Routledge, 1994.

SILVA, José Fábio Barbosa. Aspectos sociológicos do homossexualismo em São Paulo. **Sociologia**, São Paulo, v. 21, n. 4, p.350-360, 1959.

SILVA, Bruno de Oliveira et al. Teoria Queer/ Estudos Transviados: uma revisão teórica. **Revista Saberes**, v. 1, n. 6, p. 52-64, 2018.

SPARGO, Tamsin. **Foucault and Queer** Theory. New York: Totem Books, 1999.  
TILLEY, Christopher. Archaeology as socio-political action in the present. In: WHITLEY,

David S. (Ed.). **Reader in Archaeology post-processual e cognitive approaches**. New York, London: Routledge, 1998. p. 305-330.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil - da Colônia à Atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.